

Tratado da China

(c. 1552, publicado em *Primeiros escritos portugueses sobre a China*, texto modernizado e introdução de Rui Loureiro, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pgs. 9 a 47)^[*]

Galiote Pereira

[*] Ao Prof. Dr. Rui Manuel Loureiro (ISMAT, Portimão), que atualizou a grafia da obra e lhe antepôs um valioso prefácio, exprimimos o nosso agradecimento pela pronta e amável permissão concedida para esta publicação (N. da RMP).

Como este rei da China está sempre na grande cidade de Pequim, e o reino seja tamanho, está todo repartido em províncias, como fica dito, as quais são governadas por governadores e regedores à maneira de cônsules. E são postos uns e tirados outros tantas vezes que não têm nunca tempo para criar malícia; e ainda para terem seus reinos mais seguros, os loutiás que hão-de governar em uma província, hão-de ser doutras muito longe, na qual deixam mulheres e filhos e quanto têm, não levando consigo para onde vão governar mais

que suas pessoas; mas em chegando, acham tudo o que lhe[s] é necessário, assim casas e aparato delas, e a gente para seu serviço, em tanta perfeição e abastança que não têm necessidade de nada. E assim, além de el-rei ser bem servido, está seguro de nenhum levantamento. Há em cada cidade destas, que são cabeças das províncias, quatro loutiás principais a que vêm os negócios de todas as outras cidades a ela sufragâneas, e assim de toda a província, e muitos outros loutiás, assim para as cousas de justiça como para arrecadação das rendas, e vão dar conta a estes grandes; e assim, para olharem a cidade, que se não façam males, cada um [faz] aquilo que lhe cabe, em sorte que geralmente todos prendem e açoutam e dão tratos, por ser cousa entre eles mui geral, que se faz por castigo e não se tem por desonra.

Têm estes loutiás tamanha providência em prender ladrões, que de maravilha nas cidades, vilas e lugares [não] pode escapar nenhum. E assim no mar a[o] longo da costa prendem muitos, os quais, como são tomados em tal hábito, depois de muito cruamente açoutados são metidos em um tronco onde à fome e ao frio em muito poucos dias todos morrem. E destes, até este tempo de nosso cativo, teremos visto morrer mais de sessenta, e se algum escapa por ter alguma maneira de comer, vêm por tempo a meterem-no na conta dos condenados a quem el-rei dá de comer, como contarei adiante.

São os açoutes destes homens uns pedaços de bambus partidos pelo meio, afeiçoados para aquilo; não ficam agudos mas rombos, e dão-nos nas coxas, digo nas curvas. Deitam um destes açoutados no chão e alevantam a cana com ambas as mãos, [e] dão tão grandes açoutes que espantam quem os vê da crueza deles. Dez açoutes tiram muito sangue, e se são vinte ou trinta, ficam as curvas todas espedaçadas, e cinquenta ou sessenta, há-de estar um homem muito tempo em cura, e se é cento, não tem [cura] nenhuma, mas morre disto. Isto só são dados a quem não tem que peite a estes algozes que os dão.

Têm estes loutiás, que nos pareceu bem em extremo, que quando é levado perante eles algum homem a quem se ha-